

## EDITORIAL

Há edições que se organizam por tema. Outras, mais raras, se organizam por tensão. Este número da *Revista Bauman* nasce dessa segunda lógica. Não há aqui um eixo rígido nem uma tese imposta de fora. O que aproxima os textos é algo mais sutil e, talvez por isso, mais incômodo: a insistência em pensar o social quando as formas já não se sustentam. Os artigos reunidos transitam por campos distintos — filosofia, sociologia, ciência política, história intelectual, psicanálise e estudos organizacionais —, mas convergem em um ponto sensível: a percepção de que vivemos sob regimes de fluidez, conflito e pedagogias silenciosas que moldam corpos, afetos e instituições. O diálogo entre Heráclito e Zygmunt Bauman, que abre a edição, funciona como chave de leitura. O fluxo heraclítico e a liquidez baumaniana aparecem como metáforas persistentes de um mundo em mutação contínua, no qual a estabilidade é sempre provisória e a certeza, um gesto de fé. Pensar a modernidade líquida à luz de um pré-socrático não é anacronismo, mas reconhecimento de que a inquietação diante do devir atravessa os séculos.

Essa inquietação reaparece na análise das dinâmicas de centro e periferia na formação do campo intelectual. Ao revisitar o Paraná do início do século XX, o texto evidencia que a condição periférica não implica silêncio, mas outras estratégias de legitimação, disputa e produção simbólica. Nomear-se intelectual, aqui, é também um gesto político. No campo da política institucional, a discussão sobre descentralização em Santa Catarina desloca o debate da quantidade para a qualidade da participação. O conflito não surge como falha do sistema, mas como dado estrutural da vida democrática. Essa mesma lógica atravessa a leitura do Euromaidan enquanto movimento social, compreendido menos como ruptura súbita e mais como processo acumulativo, atravessado por memória, violência e expectativa. Em outra escala, o artigo sobre as pedagogias do patriarcado expõe os aprendizados difusos que naturalizam a dominação masculina e banalizam a violência. A reprodução do patriarcado aparece não apenas como coerção, mas como ensino cotidiano. Por fim, o texto sobre liderança e feedback desloca o olhar para o universo organizacional, revelando que mesmo práticas aparentemente técnicas carregam implicações éticas, formativas e políticas. Tomados em conjunto, os artigos desta edição não oferecem respostas fáceis. Operam por aproximações, deslocamentos e fricções. Talvez esse seja o gesto mais fiel ao espírito de Bauman: pensar sem solidificar, criticar sem prometer redenção, insistir na análise mesmo quando o chão parece escorrer. Que esta edição seja lida assim: não como um mapa seguro, mas como um conjunto de sinais em meio à névoa.

**Prof. Dr. Wellington Lima Amorim**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul